



## PROFESSOR OU CREATOR? ANÁLISE DE VAGAS DE CONTEUDISTAS DE EAD NO LINKEDIN<sup>1</sup>

*Professor or creator? Analysis of ead content developer job postings on LinkedIn*

BIADENI, Bianca Souza<sup>2</sup>

CASTRO, Gisela<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo analisa oportunidades de trabalho para professores conteudistas no ensino superior privado, com foco nas práticas de ensino remoto e suas consequências para a docência no Brasil. Discutimos a precarização da profissão docente, especialmente a partir de uma comparação com as atividades de criadores de conteúdo em outros campos. Ao examinar anúncios de emprego no setor, identificamos um cenário marcado por condições desfavoráveis, ausência de vínculos empregatícios formais e remuneração por projeto. Nossa corpus é composto por anúncios voltados a educadores, publicados na plataforma LinkedIn. Com base em autores dos campos da comunicação e dos estudos sobre plataformização, refletimos sobre os impactos dessas práticas no ensino superior, abordando questões como a qualidade da educação e o bem-estar docente.

**Palavras-chave:** Ensino superior. Professor conteudista. Trabalho por plataforma.

### ABSTRACT

This paper analyzes job opportunities for content teachers in private higher education, focusing on remote teaching practices and their consequences for teaching in Brazil. We discuss the precarization of the teaching profession, particularly through a comparison with the activities of content creators in other fields. By examining job advertisements in the sector, we identify a landscape marked by unfavorable conditions, lack of formal employment ties, and project-based remuneration. Our corpus consists of job postings aimed at educators, published on the LinkedIn platform. Drawing on authors from communication studies and platformization research, we reflect on the impacts of these practices on higher education, addressing issues such as educational quality and teacher well-being.

**Keywords:** Higher education. Content professor. Platform-based work.

---

<sup>1</sup> Este texto não foi apresentado ou publicado, anteriormente, em encontros e/ou outros eventos científicos e não recebeu apoio de órgãos de financiamento.

<sup>2</sup> Doutoranda e Mestre em Comunicação e Práticas do Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Pesquisadora integrante do Conex.lab, grupo CNPq de Comunicação, Consumo, Subjetividade e Sociabilidade. E-mail: biancabiadeni@gmail.com.

<sup>3</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo, Brasil. Doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ), com pós-doutorado em Sociologia (Goldsmiths, University of London) e graduação e Psicologia (UFRJ). Coordena o Grupo CNPq/ESPM de Pesquisa em Subjetividade, Sociabilidade, Comunicação e Consumo Conex.lab. castro.gisela@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

Durante os primeiros meses da pandemia de COVID-19 em 2020, a crise educacional emergiu como uma grande preocupação, que se somava às questões sanitárias que atingiam todos os países. A transição abrupta para o ensino remoto fez emergir incontáveis dificuldades, tais como o fechamento de instituições de ensino, problemas de infraestrutura, falta de recursos tecnológicos nas residências e a necessidade de adaptação de alunos e docentes a modelos de aula remota, ainda em experimentação. No ensino superior privado, denúncias davam conta de classes unificadas com até 300 alunos compartilhando a mesma aula *on-line*, professores sofrendo com demissões em massa<sup>4</sup> e até mesmo sendo substituídos por sistemas de inteligência artificial na correção de trabalhos, sem que os alunos tivessem conhecimento<sup>5</sup>.

Ainda que a emergência de saúde tenha terminado, as queixas de alunos e docentes em relação às práticas de trabalho e de ensino adotadas ou intensificadas durante a pandemia continuaram. No eixo das principais denúncias está a educação a distância (EaD). Sem limitações de estudantes, as turmas comportam classes superlotadas, nas quais os alunos estudam por meio de aulas gravadas com conteúdos previamente elaborados, os quais carecem de garantias de revisão ou mesmo da também indispensável atualização constante.

Como veremos mais adiante, no contexto do ensino superior a distância, a precarização do trabalho docente é influenciada por diversos fatores, incluindo a redução da carga horária resultante da conversão das aulas presenciais em atividades *on-line*. Neste cenário, a transição de aulas ao vivo para um modelo gravado, no qual os professores cedem o direito de imagem, tem se tornado uma prática comum em diversas instituições de ensino superior nas várias regiões do País. Esses materiais gravados são então utilizados para instruir diversas turmas, em múltiplas unidades e até mesmo em diferentes estados, ao longo de vários anos.

Tais modos de conduzir a educação se relacionam com as mudanças que deram origem à plataformação das posições de trabalho (Grohmann, 2020), trazendo lógicas de financeirização e datificação ao ensino, ao mesmo tempo em que são utilizados para flexibilizar as relações de empregabilidade de docentes. O termo plataforma, conforme Helmond (2015), descreve a transformação da web que deixa de ser de espaço apenas de publicação de informações, e passa a dispor de estruturas de criação de aplicações e de tráfego de dados. Os estudos sobre plataformas digitais (Helmond, 2015; Van Dijck, Poell, De Waal, 2018; Gillespie, 2018; Couldry, Mejias, 2019), têm discutido os impactos desses meios e das empresas que os detêm nas relações econômicas, sociais e culturais.

No âmbito das questões trabalhistas, pesquisas têm apontado temas como a chamada uberização<sup>6</sup>: “uma nova forma de controle, gerenciamento e organização do trabalho, que está amplamente relacionada ao trabalho mediado por plataformas digitais, mas não se restringe a ele” (Abílio, 2020, p. 111). Em uma abordagem mais abrangente, a plataformação do trabalho trata também da utilização de algoritmos e dados para gerenciar e controlar as atividades laborais, bem como para promover os preceitos da racionalidade neoliberal na educação (Grohmann, 2020; Laval, 2004).

Ao debater os efeitos das plataformas de redes sociais no âmbito da educação, pesquisadores têm se dedicado a debater, dentre outros, seus usos para o aprendizado e divulgação da

<sup>4</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-publica/2020/09/23/professores-relatam-de-aulas-on-line-com-300-alunos-a-demissoes-por-pop-up.htm>. Acesso em jun.2024.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://apublica.org/2020/04/laureate-usa-robos-no-lugar-de-professores-sem-que-alunos-saibam/>. Acesso em jun.2024.

<sup>6</sup> Relacionada à empresa Uber.

ciência (Santos, 2014; Pattier, 2021). Na imbricação com o campo da comunicação, estudos têm discutido a atuação dos professores como influenciadores digitais (Biadni, Castro, 2021; Azzari, Mayer, 2022; Carpenter et al., 2021), destacando os desdobramentos desta atuação na reorganização do modelo educacional vigente. No que se refere às plataformas educacionais, seus formatos e modos de implementação ainda parecem estar na vigência de um período de experimentação das diversas opções já criadas (Van Dijck, Poell, 2018), tendo o processo de implementação sido significativamente acelerado pelas pressões do período pandêmico (Moreira et al., 2020).

Tendo em vista a imbricação entre as lógicas de trabalho de plataforma e o campo da educação, o presente trabalho tem como objetivo discutir certas modalidades de ofertas de emprego para docentes do ensino superior privado, a partir de seu entrelaçamento com a cultura da criação de conteúdo amparada no ideário neoliberal. Para tanto, analisa uma seleção de ofertas de emprego para professores conteudistas no ensino superior brasileiro, observando sua relação com a precarização do trabalho docente no chamado capitalismo de plataforma.

### **PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE**

Nos tempos atuais, a palavra precarização tem sido atrelada às relações das atividades laborais com as mudanças tecnológicas em curso. Todavia, trata-se de uma questão muito anterior ao digital. Ao exemplificar quais seriam as modalidades de trabalho que, a rigor, podem ser consideradas como informais ou precárias, Antunes (2011, p. 407) destaca "os trabalhos terceirizados, com sua enorme gama e variedade; o 'cooperativismo'; o 'empreendedorismo'; o 'trabalho voluntário' etc." Como explica o autor, essas formas de trabalho contribuem diretamente para a economia, ainda que à primeira vista não aparentem desempenhar um papel significativo devido aos diferentes modos de precarização e aumento da informalidade. Nestes modelos são utilizados tanto métodos antigos quanto inovações da atualidade para intensificar a produção e a geração de valor, embora com a intensificação da exploração dos trabalhadores.

Em discussões recentes sobre esta temática, termos como 'uberização', '*gig-economy*' e 'trabalho digital' são amplamente utilizados, tanto pelo meio corporativo quanto pelo acadêmico para explicar o impacto das plataformas digitais nos modos de atuação no mercado laboral atual. No entanto, para tratar da fragilização do trabalho docente, é preciso compreendê-la como algo que acontece desde muito antes dos processos de digitalização, ainda que o exercício do magistério seja também profundamente impactado pela platformização em curso na educação.

É preciso destacar que a problematização da precarização no âmbito do trabalho docente precede a abordagem das plataformas. Segundo Bosi (2007), o período compreendido entre 1980 e 2005 teria sido caracterizado por uma reestruturação no campo educacional, orientada para a redução de custos e o aumento da produtividade com base em cálculos característicos de mercado. Diversas instituições privadas de ensino trouxeram um olhar mais empresarial ao campo da educação, o que acarretou um aumento no número de cursos oferecidos e um incremento no total de alunos por professor, culminando em turmas cada vez mais superlotadas. Em paralelo, em decorrência das alterações promovidas pela chamada flexibilização das leis trabalhistas, houve significativa intensificação da falta de estabilidade na profissão além de expressivas reduções na carga horária dos professores, dentre outros resultados que merecem ser problematizados.

Apontada como um importante elemento da precarização do ensino superior, a EaD é uma modalidade de ensino que cresce exponencialmente e que demanda criteriosa atenção nesta

discussão. Dados do Censo do Ensino Superior 2022 mostram que dos 4,7 milhões de estudantes da graduação no Brasil, mais de 3,1 milhões estão matriculados em cursos EaD<sup>7</sup>. Em dez anos, entre 2011 e 2021, houve um crescimento de 474%. Embora o número de matrículas continue a crescer a cada ano, a qualidade não acompanha a mesma direção de crescimento. Dados do Enade, o exame que avalia os cursos do ensino superior no Brasil, apontam, de modo eloquente, que apenas 2,3% dos cursos de graduação a distância no País atingiram a nota máxima do indicador.

Com a nova legislação em vigor, desde 2017 as instituições de ensino brasileiras podem oferecer cursos de graduação totalmente na modalidade EaD – sem necessidade de contar com carga horária presencial no currículo. Tal flexibilização das regras regulatórias deu origem, por exemplo, a cursos de graduação com aulas gravadas e reproduzidas indefinidamente, por períodos de tempo ilimitados. Nestes cursos, as avaliações costumam ocorrer em formato de *quiz*, sendo corrigidas automaticamente por programas de IA. Com essas condições, se oferecem cursos de graduação no Brasil que custam menos de 200 reais por mês. Sob um discurso de inclusão no ensino superior, dissemina-se uma formação claramente precária em todo o território nacional. Com o intuito de reverter os baixos índices de qualidade, o MEC informou estudar a possibilidade de ofertar graduações a distância apenas para cursos com carga horária presencial obrigatória inferior a 30%. A notícia<sup>8</sup> provocou reações contrárias por parte de diversas instituições que acumulam milhares de matrículas em cursos EaD.

Ao tratar dos efeitos da EaD na precarização do trabalho docente, Lapa e Pretto (2010) entendem que os desafios se iniciam na própria estrutura do curso. Por se tratar de um sistema que precisa que as aulas sejam planejadas com muito tempo de antecedência, os professores que as preparam "nem sempre são aqueles que atuarão na oferta do curso ou da disciplina – que são os denominados professores ministrantes" (Lapa, Pretto, 2010, p.82).

Diferente do modelo presencial, no qual o professor organiza, seleciona as referências e prepara o material que vai ser utilizado nas aulas que ministra, neste sistema são convidados professores chamados de conteudistas para preparar as aulas. As escolhas teóricas que irão compor o programa das disciplinas, bem como sua distribuição no conteúdo de cada aula ficam a cargo deste educador. Cabe ao professor ministrante a função de executor da proposta pedagógica. Se já é problemático o fato deste professor não ter voz ativa na seleção do conteúdo das aulas que lhe cabe ministrar, esta é apenas uma parte do problema.

Outro fator problemático nesta modalidade de ensino é que, por se tratar de cursos modulares em que se visa produzir máxima lucratividade ao serem ofertados repetidamente *ad nauseam*, é comum não haver atualização do conteúdo. Como esclarecem os autores: "é preciso reconhecer os limites impostos pela produção desses materiais, que, lamentavelmente, não permitem o seu constante repensar e refazer a cada oferta, devido à não eficiência econômica dessas constantes alterações" (Lapa, Pretto, 2010, p.83).

Ainda que a educação enfrente demandas específicas que modificam os modos de empregabilidade e trabalho, acreditamos que as tendências do universo digital abrem renovadas oportunidades para a maximização da referida eficiência econômica de tais produtos. Assim sendo, observamos a seguir algumas ofertas de trabalho para professores conteudistas no Brasil de modo a explorar mais de perto o contexto atual.

---

<sup>7</sup>Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>. Acesso em março.2024.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/outubro/mec-abre-consulta-publica-sobre-cursos-de-graduacao-ead>. Acesso em jun.2024.

## A ECONOMIA DOS CRIADORES DE CONTEÚDO E SEUS ATRAVESSAMENTOS NOS MODELOS DE TRABALHO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

Desde os blogs até a popularização das plataformas de redes sociais, muitos termos foram empregados para nomear os que utilizam ambientes digitais para construção de público e lucram a partir da aquisição de visibilidade midiática, por meio de contratos com marcas e vendas de produtos. Chamados de ‘blogueiros’, ‘youtubers’, ‘influenciadores digitais’ e, mais recentemente, ‘criadores de conteúdo’ (ou ‘creators’), estes profissionais fazem parte de já conhecidas estratégias comerciais de empresas que buscam interlocutores que estariam mais próximos dos consumidores. Conforme Cunningham e Craig (2021) os criadores de conteúdo seriam aqueles que produzem e circulam conteúdo original nas plataformas on-line, visando promover interação próxima e engajamento nas comunidades que possuem nestes espaços, assim como também ocorre off-line.

No que tange à mudança dos termos, a transição na terminologia empregada para descrever esses profissionais característicos das plataformas de redes sociais acontece a partir de uma compreensão de pesquisadores do meio acadêmico e do mercado para a chamada "*Creator Economy*"<sup>9</sup>. Esta modalidade apresenta diferentes formatos de trabalho on-line tais como blogs, *livestreamers*, influenciadores de TikTok e Instagram entre outros, que partilham de estruturas comunicacionais e econômicas semelhantes (Duffy et al., 2023; Nieborg, Poell, 2018).

Diferentemente da concepção de influência digital, que precedeu a concepção da economia criativa, também podem ser considerados *creators* todos aqueles que produzem conteúdo, distribuem on-line e acumulam um grande volume de seguidores, ostentando grande engajamento entre o grupo. Ainda que seu foco seja a divulgação de suas próprias carreiras como médicos, advogados, psicólogos e outras, trata-se de profissionais que diversificam suas fontes de renda a partir da criação e promoção de produtos informacionais os quais protagonizam. Tais atores não estão necessariamente atrelados ao formato de divulgar campanhas de uma determinada marca conhecida ou serviço de outros profissionais em seus perfis, mas podem fazê-lo no contexto da publicização de si como profissionais em suas respectivas áreas de atuação.

Na atualidade, ter um currículo com formação e experiência comprovada parece não bastar, sendo necessário apresentar-se como um sujeito empregável ao ostentar credenciais de alta visibilidade midiática nos ambientes on-line nos quais protagoniza a promoção de si próprio como um especialista, seja qual for a sua área de atuação. Essa exigência se identifica de modo especial no LinkedIn, uma plataforma cujo modo de funcionamento tem a atuação profissional como mote das interações entre seus integrantes.

Embora a criação de conteúdo como parte da divulgação da própria carreira atravesse as mais variadas profissões, na educação, o foco desta pesquisa, ele se manifesta de diferentes maneiras, seja por meio do educador-*influencer* (Biadeni, Castro, 2021, Carpenter et al., 2021) ou mesmo pelo critério de seleção de certos concursos para professores em que se valoriza mais as videoaulas do que a formação ou mesmo a experiência docente dos candidatos<sup>10</sup>.

Os influenciadores educacionais são indivíduos que alcançaram uma ampla base de seguidores em alguma das plataformas de redes sociais vigentes ao promoverem práticas, ideias ou produtos relacionados à educação (Shelton et al., 2020). Podem trabalhar com

<sup>9</sup> Em tradução "Economia de Criadores". No entanto, é comum que também no Brasil os termos sejam utilizados em inglês.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/08/videoaulas-valem-mais-que-doutorado-e-experiencia-em-concurso-para-professor-de-sp.shtml>. Acesso em mar.2024

discursos sobre práticas inclusivas, outras demandas da área, *networking* e estratégias para a sala de aula, por exemplo, assim como também podem atuar como promotores de venda de materiais, cursos e divulgadores de modos idealizados de se tornar um educador ou um estudante exemplar (Biadeni, 2021).

Ainda que diversos discursos que convocam ao empreendedorismo digam o oposto, criar conteúdo on-line também não garante a "liberdade" financeira propalada em discursos que pregam a autonomia financeira com o trabalho em plataformas digitais. Neste contexto, o que se exerce é o chamado trabalho aspiracional (Duffy, 2017). Se é verdade que em algumas ocasiões essas atividades permitem que certos trabalhadores alcancem níveis aprimorados de capital social e econômico, para aqueles que estão iniciando este percurso, a busca pela autonomia financeira por meio da alta visibilidade midiática como *creator* pode ser árdua. Sustentada pela promessa de futuro em uma carreira onde a felicidade e lucro passariam a caminhar juntos, o que se constata é que apenas poucos se tornam *creators* profissionais.

Matéria publicada pelo jornal Folha de S. Paulo<sup>11</sup> apontou a professora de ciências, Rafaela Lima, como a mais citada em um estudo sobre influenciadores de educação. No entanto, a referida profissional une a produção on-line com a atuação docente em uma escola municipal e outra estadual no Rio de Janeiro. Tal como para esta docente, para muitos outros educadores que buscam a profissionalização como influenciadores educacionais, existem diferenças e barreiras que separam credibilidade, audiência e lucro.

Para além da movimentação econômica e midiática que promovem nos espaços on-line, estes professores celebridades da internet são por vezes listados na imprensa como exemplos de sucesso em matérias que ressaltam seus ganhos financeiros e suas habilidades comunicacionais<sup>12</sup>. Algo que fica de fora quando se enaltece apenas a performance midiática e se exige para professores em sala de aula didáticas semelhantes às elaboradas videoaulas é o ambiente escolar, cujas complexidade não é levada em consideração. O *edutuber*, como preferem ser chamados alguns destes educadores, leciona para a tela e não tem o compromisso com alunos de carne e osso, nem com as burocracias, desgastes e desafios que caracterizam o ambiente escolar.

Apesar das diferenças mais evidentes entre o *creator* do nicho educacional em espaços midiáticos e o professor convocado a se adaptar a modelos de aula crescentemente platformizados, as lógicas de construção dos sistemas utilizados por escolas e faculdades têm incorporado didáticas de criação de conteúdo e a digitalização da função do educador. Essas demandas se apresentam, por exemplo, na utilização de mecanismos de inteligência artificial para correção de redações nas escolas estaduais de São Paulo. Conforme publicado pela imprensa<sup>13</sup>, em algumas instituições, são oferecidas aulas gravadas por professores que desse modo atuam como corpo docente do referido curso, mesmo quando já não fazem mais parte da folha de pagamento da Instituição de Ensino que os demitiu.

O modo de criação de determinados conteúdos pedagógicos passou a seguir a lógica das plataformas de entretenimento, como vídeos curtos, gamificação e outras características comuns aos espaços algorítmicos. O que veremos adiante é que as ofertas para conteudistas pedagógicos também parecem se aproximar da lógica do empreendedorismo digital associada aos criadores de conteúdo, com propostas de visibilidade e monetização a partir de

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2023/06/professora-criada-em-favela-do-rio-e-influencer-de-educacao-mais-citada-do-brasil-diz-datafolha.shtml>. Acesso em mar.2024.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/professores-youtubers-atraem-milhoes/>. Acesso em mar.2024.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/21/universidades-privadas-querem-usar-aulas-gravadas-por-professores-mesmo-apos-demissao>. Acesso em mar.2024.

produções visuais e textuais independentes, muito similar ao modelo das plataformas de redes sociais ainda que sem a necessidade da lógica performativa.

## RECRUTANDO EDUCADORES PARA CRIAR CONTEÚDO

A presente discussão decorre das etapas iniciais de uma pesquisa de doutorado em andamento. Como parte da investigação acerca da relação entre as mudanças na carreira de educadores e a interferência de modelos de trabalho ofertados e divulgados em plataformas digitais, buscamos inicialmente conhecer as ofertas de vagas para professores conteudistas no mercado laboral brasileiro.

Considerando que o foco de pesquisa está na interferência dos processos de plataformação nas mudanças de carreira dos educadores, optou-se por fazer uma busca empírica na plataforma LinkedIn. Essa escolha nos pareceu estratégica uma vez que esse espaço se apresenta como um ambiente ideal para observar e analisar ofertas de vagas e perfis de profissionais que refletem as transformações na profissão.

Existem diferentes abordagens para realizar pesquisas em plataformas de redes sociais, e, em certos casos, essas abordagens precisam ser ajustadas à medida que as tecnologias e os modos de utilização desses ambientes mudam. Ainda que as plataformas projetem uma ideia de pluralidade (Gillespie, 2010) em que seria possível ler qualquer assunto e chegar a diferentes focos, é de conhecimento que os algoritmos ordenam os dados e personalizam os conteúdos vistos pelos usuários com base em comportamentos e informações coletadas. Por conta disso, para operacionalizar essa pesquisa, criamos uma conta de modo a tentar não usar nosso histórico pessoal como filtro e, assim, amplificar o campo. Ao utilizar o LinkedIn, a plataforma procura utilizar conexões, interações prévias e leituras para definir quais conteúdos o usuário vai visualizar – sem contar os filtros que a empresa responsável não exemplifica ao público.

Para fins de nossos estudos relacionados à vida produtiva no LinkedIn, criamos uma conta de e-mail específica e utilizamos o modo de navegação anônima. Em investigações anteriores, analisamos discursos relacionados à vida produtiva por meio das palavras ‘trabalho’ e ‘emprego’, assim como outras relativas ao mesmo contexto, tais como ‘demissão’, ‘salário’ e ‘cargo’. Para esse recorte em específico, nos interessava conhecer aspectos profissionais relativos à educação superior.

Tendo em vista as características deste espaço on-line que permite a criação de uma conta por qualquer pessoa e possibilita a visualização de vagas de forma pública, decidimos que não seria necessário publicar uma mensagem explicativa sobre a pesquisa antes da busca por publicações. Do mesmo modo, por se tratar de empresas e não de indivíduos utilizando um modo de publicar conteúdo que está disponível a qualquer leitor, não nos é requerida autorização. No entanto, como não nos cabe publicizar essas ofertas, o nome das empresas foi apagado ao coletarmos as informações.

Em uma busca na plataforma<sup>14</sup> utilizando as seguintes palavras-chave: ‘professor-graduação’, ‘mestrado’, ‘doutorado’<sup>15</sup>, encontramos diversos oferecimentos que se enquadram na descrição de trabalhos no formato proposto para a educação superior a distância. Para fins desta exploração, optamos por uma amostra intencional, utilizando como critério aquelas

---

<sup>14</sup> Realizada em julho de 2023, em [www.linkedin.com.br](http://www.linkedin.com.br).

<sup>15</sup> Acreditamos que este seria um bom modo para filtrar ofertas do ensino superior e reduzir o retorno de vagas da educação básica no setor privado.

vagas com maior detalhamento nas descrições das atividades, conforme apresentamos a seguir.

A coleta de dados para esta pesquisa ocorreu em julho de 2023. Foram encontradas cerca de 20 vagas para professores conteudistas com filtro de localização no Brasil. Após a exclusão de anúncios duplicados e aqueles que possuíam poucas informações, ou cujas descrições não eram claras o suficiente para identificar as atividades e requisitos do cargo, selecionamos duas ofertas para análise empírica. O principal critério para essa seleção foi o nível de detalhamento das informações fornecidas nas ofertas, como descrições das atividades a serem realizadas, exigências de formação acadêmica e prazos.

Para a fase interpretativa, incorporamos a análise discursiva comunicacional, que aborda o discurso como uma "linguagem social", reconhecida ideologicamente como "natural" ou intrínseca à identidade cultural de uma comunidade específica (Sodré, 2014, p. 259) e entende a comunicação como indispensável para a constituição dos vínculos sociais.

## **Figura 1- Vaga para "professor-autor"<sup>16</sup>**

### **Sobre a vaga**

Buscamos professores-autores para elaborarem materiais didáticos da disciplina de Técnicas de Comunicação e Teoria dos Jogos, do curso de Mediação.

#### **SOBRE A DISCIPLINA**

Fundamentos da Negociação. A comunicação como processo. As etapas da negociação e sua importância. A comunicação na mediação. Ética nas negociações. Habilidades e as formas de comunicação durante a mediação. Teoria dos jogos aplicadas as negociações.

#### **Responsabilidades e atribuições**

Para esta atividade, é necessário:

- Escrita de conteúdo original, compatível com a metodologia Institucional e aderente à Matriz da disciplina.
- Elaborar o Banco de Questões (composto por 90 questões).
- Elaborar o combo de materiais da disciplina: Trilha de Aprendizagem, Plano de Aula, Roteiros de Vídeo e Gravação das videoaulas.

#### **Requisitos e qualificações**

- Especialização, Mestrado e/ou Doutorado na área\*.
- Conhecimento no Pacote Office (Word) e Google Docs.
- Experiência na escrita de livros e/ou materiais educacionais será um diferencial.
- Organização e boa gestão do tempo para lidar com os prazos pré-estipulados.
- Formação em Direito.

Obs.: a contratação será por contrato de prestador de serviços de terceiros, sem vínculo empregatício. Por isso, o candidato não pode ser colaborador efetivo de nenhuma instituição do grupo ~~UNIVERSIDADE FEDERATIVA DA PARAÍBA~~.

#### **Informações adicionais**

##### **CRONOGRAMA DE ENTREGA**

Prazo médio de elaboração dos materiais: 20 dias após o aceite e capacitação

Gravação das videoaulas: serão agendadas com a equipe de Mídias

Obs.: é imprescindível que você, candidato(a), possua aderência ao tempo de realização e finalização das atividades no cronograma descrito acima.

#### **VANTAGENS DE SER PROFESSOR(A)-AUTOR(A)**

- Atividade 100% Home Office.
- Acompanhamento exclusivo em todas as etapas de produção.
- Remuneração atrativa.
- Publicações com registro de ISBN.
- Desenvolvimento de competências autorais digitais.
- Visibilidade nacional e reconhecimento acadêmico.

**Fonte:** Reprodução/LinkedIn.

A observação é clara: não há vínculo empregatício entre o professor e a instituição. Trata-se, pura e simplesmente, de uma prestação de serviços pontual. Neste contexto, privilegia-se muito claramente a dimensão econômica da educação. O professor é reduzido a mero escritor

<sup>16</sup> Descrita conforme o anúncio, sem alterar possíveis erros de escrita. Disponível em: <https://www.linkedin.com/jobs/view/3625863791>. Os nomes das empresas foram apagados. Acesso em: jun.2023.

de módulos de conteúdo pedagógico para uma determinada plataforma. Segundo Antunes e Druck (2015, p. 20), trata-se de um exemplo da "lógica do curto prazo, que incentiva a 'permanente inovação' no campo da tecnologia, dos novos produtos financeiros e da força de trabalho, tornando obsoletos e descartáveis os homens e mulheres que trabalham". A despeito da exigência de titulação como mestre ou doutor, o investimento educacional não é retribuído em termos de reconhecimento e remuneração a esse sujeito trabalhador.

Como é visto na oferta acima, o professor recrutado para criar conteúdo precisa ser competente em roteirizar vídeos, escrever textos originais e, a despeito da formação em Direito exigida pela vaga, precisa ter mais habilidades relacionadas à produção de mídia e à promoção da interatividade do que propriamente nos temas relacionados à área da graduação concluída.

Pesquisadores que buscam compreender como o trabalho dos influenciadores digitais é afetado pelas plataformas, como Karhawi e Prazeres (2022 p. 814), destacam que existe a necessidade de compreender os *influencers* como profissionais cuja profissão "não foi acompanhada (...) por um amparo legal". Ao tratar da plataformização da produção cultural, Duffy, Poell e Nieborg (2019, p. 4) observam que "trabalhadores culturais de diversas culturas e contextos são incentivados a serem empreendedores, autodirigidos e adaptáveis aos caprichos das lógicas comerciais, de plataformas e neoliberais mais amplas"<sup>17</sup>. Ainda que o professor conteudista não seja considerado um criador de conteúdo/influenciador, as ofertas de trabalho que lhe são dirigidas alardeiam como valores a visibilidade, "o reconhecimento acadêmico" e o fato de o trabalho poder ser realizado totalmente de forma remota. A vaga descrita para professor conteudista poderia se enquadrar em uma chamada para empreendedor digital que atua em uma das grandes plataformas existentes. O trabalho não é remunerado apenas pela atividade paga, mas também pela "oportunidade de se desenvolver como autor" no âmbito digital.

Estudos nos campos da educação (Oliveira, 2004), da psicologia (Mancebo, 2007) e da sociologia (Souza, Leite, 2011) têm se dedicado a investigar a precarização do trabalho docente a partir de lentes e recortes que lhes são específicos. No campo dos estudos de plataformização, Van Dijck e Poell (2018, p.10) ensinam que as plataformas digitais "impactam as maneiras pelas quais a educação é organizada em uma sociedade cada vez mais orientada por dados e baseada em plataforma"<sup>18</sup>.

A palavra flexibilidade é comumente empregada em ofertas de emprego sem vínculos formais, juntamente com a frase "pagamento por projetos concluídos", transmitindo um sentido de liberdade de escolha das atividades e dos horários na oferta profissional. Essas condições são apontadas como "benefícios" em ofertas de emprego com características de precarização. As vagas costumam ter horários irregulares, nenhum tipo de benefício social e tampouco se adequam à legislação trabalhista.

De acordo com Laval (2004), as reformas educacionais passaram a ser orientadas para competições econômicas a partir da prevalência da racionalidade neoliberal que insiste em produtividade e volta seus interesses apenas para as "competências necessárias à empregabilidade dos assalariados" (Laval, 2004, p.12).

---

<sup>17</sup> No original: *For one, cultural workers across cultures and contexts are encouraged to be entrepreneurial, self-directed, and adaptable to the whims of the wider commercial, platform, and neoliberal logics.* (Tradução nossa)

<sup>18</sup> No original: *On-line platforms do not only affect basic processes of learning and teaching but also impact the ways in which education is organized in a society that is increasingly data driven and platform based.* (Tradução nossa)

## Figura 2- Vaga para professor conteudista<sup>19</sup>

### Sobre a vaga

Nível: Especialista

Escolaridade: Mestrado - Completo

Tipo de contrato: Freelancer

Jornada de trabalho: Horário flexível, trabalhamos por entrega! Prazo: 5 dias corridos para entregar cada unidade da disciplina(em casos de rescisão contratual é definido multa parcial e de até 100% do valor total)

Disponibilidade para home-office

Benefícios: ☺ Horário Flexível, 🌐 Trabalho 100% remoto

### Responsabilidades e Experiências Desejáveis

Realizamos conteúdos educacionais EAD. Você já pensou em atuar com elaboração de materiais didáticos fazendo parte da transformação da educação?

Se já! Venha conosco criar conteúdos acadêmicos para cursos superiores, pós-graduação e treinamento corporativo. Nós da  visamos em uma educação superior de alta qualidade, cada vez mais adaptável ao mundo tecnológico. Se você pensa como a gente, essa oportunidade é para você!!

Se você tiver interesse em colaborar conosco em nosso novo projeto (freela), e com isso construirmos uma sólida relação em que possamos crescer juntos, convido você a se inscrever em nosso banco de talentos. Iremos analisar seu CURRÍCULO LATTES, fazendo sentido convidando para o nosso projeto.

**IMPORTANTE:** É necessário que você possua formação Mestrado e/ou Doutorado.

### Escopo

- Plano de Aula
- Produção Livro Digital - 60 laudas brutas (126.000 caracteres dividido em 3 unidades + 3 autoatividades por unidade) + imagens + quadros e objetos de aprendizagem
- 50 questões objetivas (divididas por unidades)
- 3 propostas de vídeos (12.000 caracteres com espaço por unidade)
- 1 PBL (mapa)
- 45 slides de apoio (15 por unidade)
- 3 atividades práticas (uma por unidade)

Prazo: 5 dias corridos para cada unidade a partir do e-mail de "start do projeto"

(em casos de rescisão contratual é definido multa parcial, podendo chegar até 100% do valor total)

### **RESUMO SOBRE O PROJETO DE CRIAÇÃO DE CONTEÚDO ACADÊMICO - EXTENSÃO DE AULAS PRESENCIAIS:**

- Professor Conteudista (No mínimo com Mestrado e/ou Doutorado, podendo alguns casos ser com Pós Graduação na área);
- Remuneração: R\$2.600,00 projeto completo;
- Serão concedidos 5 dias corridos, por unidade, a partir da data do e-mail de start do projeto;
- Cada professor conteudista poderá pegar apenas 1 disciplina por vez;
- Proporcionamos capacitação, podendo ser ao vivo ou gravação;
- Biografia: Prof. conteudista tem autonomia para sugerir. Últimos cinco anos para artigos e dez anos para obras gerais (permitido uso mais antigo para obras clássicas);
- Tópico das unidades: Professor conteudista tem autonomia para sugerir, levando como referência a ementa.

### Informações Contratuais

- Contrato freelancer: PJ ou Pessoa Física;
- Prestação de serviço no modelo remoto;
- Em casos de rescisão contratual é definido multa parcial, podendo chegar até 100% do contrato;
- Além disso, a pessoa conteudista deverá realizar os ajustes solicitados no prazo de até 1 dia corrido.

Caso você aceite colaborar conosco é formulado um contrato para regularizar a nossa colaboração e lhe fornecer garantias. A modalidade do contrato pode ser em pessoa jurídica, caso você tenha MEI/PJ, nesse caso é preciso emitir nota fiscal. Ou em pessoa física, nesse caso ocorre um desconto de 11% do valor total devido aos impostos do INSS. Caso você pague o teto do INSS, esse é o valor máximo que alguém pode contribuir para a previdência e está neste ano em cerca de 7 mil reais, esse desconto não ocorre, só é necessário nos enviar uma declaração.

LoteDisciplinaÁreaLote 3Comunicação OrganizacionalComunicação

*Se está não for sua área do conhecimento, entre em nossa página de trabalho conosco. Caso seja do seu interesse vagas internas, clique aqui e acesse nossa outra página de TRABALHE CONOSCO.*

Fonte: Reprodução/LinkedIn.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.linkedin.com/jobs/view/3643368314/>. Acesso em mar.2024.

Nesta segunda oferta, alguns elementos se repetem, tais como a flexibilidade de horários e a possibilidade de trabalho remoto, sendo estes elementos apontados como benefícios do acordo de trabalho proposto. Os termos que delimitam que se trata de um trabalho sem contrato fixo se repetem pelo menos quatro vezes, contrastando com a chamada em que se lê: "construirmos uma sólida relação em que possamos crescer juntos".

Ao exigir que os candidatos tenham mestrado e/ou doutorado, a oferta reforça a ideia de que o conhecimento acadêmico formal é valorizado e necessário para o exercício da função, ao mesmo tempo em que transforma o professor em um escritor de slides. Além de especificar a remuneração pelo projeto, estabelece condições contratuais tais como prazos e penalidades em caso de rescisão. A vaga se refere a uma educação "adaptável ao mundo tecnológico", um mundo, então, onde o ensino é uma mercadoria a ser empacotada por profissionais capacitados que trabalham em condições precárias para também tornar raso o ensino final oferecido.

Em um estudo realizado com professores conteudistas da modalidade EaD, Vianna e Calderari (2019) constataram orientações pouco aprofundadas, prazos difíceis de serem atendidos com tarefas complexas, impossibilitando a entrega de materiais de maior qualidade. Do mesmo modo, por se tratar de uma atividade remota, contratada como *freelancer* ou pessoa jurídica, esse modelo de trabalho torna difícil a mobilização coletiva que permita a luta organizada em prol de melhorias nas condições laborais.

Ao mapear as dinâmicas de imprevisibilidade e precariedade no trabalho de criadores de conteúdo, Duffy et al. (2021) discutem a dependência desses profissionais em relação às empresas de plataforma, que decidem unilateralmente e modificam as regras como acham conveniente. Embora os modos de avaliação dos trabalhadores não sejam os mesmos no caso das plataformas educacionais utilizadas por empresas privadas de educação, os sistemas parecem seguir o modelo das mega plataformas. Métricas pautadas na visibilidade midiática, pagamentos baseados em entrega de conteúdo, regras que podem ser alteradas a qualquer momento, ausência de vínculo empregatício e oferta de "recompensas" não financeiras como independência e adaptação a um mundo tecnológico.

Ainda que as ofertas aqui observadas envolvam a produção de conteúdo para uma empresa educacional, elas se assemelham a anúncios que prometem aos professores autonomia e o que consideram que seria uma boa remuneração por meio do modelo de criação de conteúdo 'sem mostrar o rosto'. Cientes de que a exposição pode ser um impedimento, vendedores de cursos online têm promovido a ideia de que educadores podem se tornar criadores de conteúdo a partir da venda de cursos pelas redes sociais, sem necessariamente assumirem uma persona pública (Biadni, Fonseca, Bueno, 2024).

Na atualidade, não apenas educadores, mas diversos profissionais são constantemente abordados pela ideia de que para continuarem relevantes ao mercado de trabalho é necessária uma adaptação às lógicas de consumo sociotécnicas. Reforçando narrativas do empreendedorismo de si, os professores são posicionados como totais protagonistas de seus sucessos e fracassos, a partir da sua capacidade de produção e venda de conteúdos.

Neste contexto em que professores são convocados a vender cursos como *creators*, ainda que a atividade de professor conteudista para empresas de educação e a de criador de conteúdo educacional sejam diferentes, elas se aproximam pelo material comunicacional que é produzido e vendido.

O trabalho criativo, em suas diferentes formas, já enfrentava desvalorização e instabilidade mesmo antes do surgimento das plataformas digitais. No entanto, o que se observa agora é um aprofundamento dessa precarização, impulsionado pela lógica de produção acelerada

imposta pelos modelos das plataformas de redes sociais. Quando professores com formação acadêmica avançada — como mestrado e doutorado — são contratados como conteudistas para projetos de EAD que exigem, em poucos dias, a entrega de planos de aula, livros digitais extensos, dezenas de questões objetivas, sugestões de vídeo e apresentações, sua expertise se vê reduzida à simples execução de tarefas moldadas por padrões algorítmicos. A formação acadêmica, nesse contexto, se esvazia, sendo colocada a serviço de uma lógica de criação incessante e padronizada, onde o conteúdo importa menos que sua velocidade e volume.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresenta uma breve reflexão acerca de um complexo tema que envolve as relações de trabalho atreladas aos usos das plataformas digitais de comunicação e informação no âmbito educacional no Brasil. Pelas limitações impostas para esse recorte, não foi possível avançar em discussões mais amplas acerca deste inquietante e multifacetado objeto de pesquisa.

Não é de nosso interesse emitir juízos de valor sobre os profissionais que, diante de um mercado de trabalho cada vez mais complexo para a área da educação, optam por atuar na produção de materiais como os apresentados no corpus empírico analisado. Nossa intenção, enquanto pesquisadores do campo da comunicação, é observar como as lógicas algorítmicas que tornam o trabalho de criadores de conteúdo tão vulnerável se reproduzem também nas ofertas destinadas àqueles que elaboram materiais educacionais para instituições de ensino. Esses atravessamentos acabam por convocar mestres e doutores a produzir, em ritmo acelerado, vídeos, e-books e outros recursos — não para manter sua própria relevância nas redes, mas porque esse modelo de atuação é estruturado segundo as dinâmicas das plataformas, replicando tanto os formatos quanto o ritmo veloz característico da produção de conteúdo digital.

Por se tratar de uma abordagem exploratória, não tivemos a intenção de apresentar dados que possam ser generalizados. Pretendemos trazer à discussão uma mudança significativa no sistema de ensino superior, que perpassa tanto as plataformas tecnológicas, quanto as demandas de uma sociedade cada vez mais pautada pela racionalidade neoliberal que preconiza a maximização dos lucros na midiatização do ensino e direciona os cálculos de custo-benefício na captação do sujeito empreendedor flexível para a produção de conteúdo pedagógico no mercado laboral.

Nesta discussão, optamos por abordar algumas transformações em curso no ensino superior a partir de uma análise comunicacional das ofertas de trabalho disponíveis no LinkedIn, por entendermos ser uma plataforma de destaque para interações profissionais no País. Ainda que reconheçamos que a nossa busca possui as limitações dos sistemas algorítmicos que regem a entrega de conteúdo nesta plataforma, etapas futuras de pesquisa poderão desenvolver melhor o tema por meio de análises mais detalhas dos sistemas utilizados pelas instituições de ensino selecionadas. Também acreditamos que investigações futuras podem se aprofundar por meio de entrevistas com profissionais que atuam nestas funções como conteudistas, de modo a verificar suas percepções sobre essas ofertas de trabalho.

Outro fator que foge ao escopo desta discussão, mas que igualmente mereceria investigação futura por parte de estudiosos da educação, são os impactos da precarização das práticas laborais na formação dos profissionais graduados em cursos EaD estruturados a partir do modelo do professor conteudista — profissional responsável pela produção de materiais didáticos, sem necessariamente acompanhar os alunos durante o processo de aprendizagem. Ainda que essa dimensão pedagógica ultrapasse os limites do recorte comunicacional aqui proposto, ela aponta para desdobramentos importantes que merecem atenção interdisciplinar.

Apesar das limitações do recorte apresentado, defendemos a importante contribuição da abordagem comunicacional no debate sobre esse tema tão inquietante e atual, com grande impacto na formação superior de futuros profissionais e cidadãos brasileiros.

## REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, Ludmila. Uberização: a era do trabalhador just-in-time? **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 98, p. 111-126, abr. 2020.
- ANTUNES, Ricardo. Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? **Serviço Social & Sociedade**, p. 405-419, 2011.
- ANTUNES, Ricardo.; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação & Sociedade**, v. 25, p. 335-351, 2004.
- ANTUNES, Ricardo; DRUCK, Graça. A terceirização sem limites: a precarização do trabalho como regra. **O Social em Questão**, Revista do Depto. de Serviço Social da PUC-Rio, v. 18, n. 34, p. 19-40, 2015.
- BIADENI, Bianca. **#Studygram**: o estudante conectado e os modos "instagramáveis" de estudar. 2021. 141 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo) - Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo.
- BIADENI, Bianca. CASTRO, Gisela.G.S. Edutubers: Reconfiguraciones de formas de enseñar a partir del uso de las plataformas de redes sociales. In: García-Jiménez; Barredo-Ibáñez; Rodrigues-da-Cunha (Coord.). **Nuevas audiencias, consumidores y culturas digitales**. Colección Mundo Digital de Revista Mediterránea de Comunicación. Universidad de Alicante, 2021. p. 117-126.
- BIADENI, Bianca. S.; FONSECA, Rosa. A.; BUENO, Jéssica A. Você já pensou em largar seu emprego e viver do digital? O discurso dos “mentores” para profissionais da educação. In: **ANAIIS DO INTERCOM – 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2024, Univali.
- AZZARI, Eliane. F.; MAYER, Lucas. F. O Show na Educação: Professores Influenciadores do TikTok. **Cadernos de Educação Tecnologia e Sociedade**, v. 15, n. 2, p. 217-226, 2022.
- BOSI, Antônio. P. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. **Educação & Sociedade**, v. 28, p. 1503-1523, 2007.
- CARPENTER, Jeffrey. P.; SHELTON, Catharyn. C.; CURCIO, Rachele.; SCHROEDER, Stephanie. The education influencer: New possibilities and challenges for teachers in the social media world. In: **Proceedings**. Society for Information Technology & Teacher Education International Conference. Association for the Advancement of Computing in Education (AACE), p. 1712-1721, 2021.
- COULDREY, Nick.; MEJIAS, Ulises. A. **The costs of connection**: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism. Stanford: Stanford University Press, 2019
- CUNNINGHAM, Stuart.; CRAIG, David. (Eds.). **Creator culture**: an introduction to global social media entertainment. Prefácio: Nancy K. Baym. New York: NYU Press, 2021.
- DUFFY, Brooke. E. **(Not) getting paid to do what you love**: Gender, social media, and aspirational work. New Haven: Yale University Press, 2017.
- DUFFY, Brooke. E. ONONYE, Anuli.; SAWEY, Megan. The politics of vulnerability in the influencer economy. **European Journal of Cultural Studies**, v. 0, n. 0, 2023.
- DUFFY, Brooke. E; PINCHI, Annika; SANNON, Shruti; SAWEY, Megan. The nested precarities of creative labor on social media. **Social Media + Society**, 7(2), 2021.
- DUFFY, Brooke. E.; POELL, Thomas.; NIEBORG, David. B. Platform practices in the cultural industries: Creativity, labor, and citizenship. **Social media+ society**, v. 5, n. 4, 2019.
- GILLESPIE, Tarleton. The politics of “platforms”. **New Media & Society**, v. 12, n. 3, p. 347-64, 2010.
- GILLESPIE, Tarleton. **Custodians of the Internet**: platforms, content moderation and the hidden decisions that shape social media. New Haven: Yale University Press, 2018.
- GROHMANN, Rafael. Cooperativismo de plataforma e suas contradições: análise de iniciativas da área de comunicação no Platform.Coop. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 19-32, 2018.

- GROHMAN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre a dataficação, a financeirização e a racionalidade neoliberal. **Revista Eptic On-line**, v. 22, n. 1, 2020.
- HELMOND, Anne. The platformization of the web: making web data platform ready. **Social Media + Society**, v. 1, n. 2, p. 1–11, 2015.
- KARHAWI, Issaaf.; PRAZERES, Michele. Exaustão algorítmica: influenciadores digitais, trabalho de plataforma e saúde mental. **Revista eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 16, n. 4, p. 800-819, 2022.
- LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**. O neoliberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: Ed. Planta, 2004.
- MANCEBO, Deise. Trabalho docente: subjetividade, sobreimplicação e prazer. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 20, p. 74-80, 2007.
- MOREIRA, José Antonio.; HENRIQUES, Susana.; BARROS, Daniela. M.V. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, p. 351-364, 2020.
- NIEBORG, David. B.; POELL, Thomas. The platformization of cultural production: Theorizing the contingent cultural commodity. **New Media & Society**, v. 20, n. 11, p. 4275–4292, 2018.
- OLIVEIRA, Dalila. A. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação & Sociedade**, v. 25, p. 1127-1144, 2004.
- PATTIER, Daniel. Science on YouTube: successful edutubers. **Techno Review. International Technology, Science and Society Review**, v. 10, n. 1, p. 1-15, 2021.
- POELL, Thomas.; NIEBORG, David.; VAN DIJCK, José. Platformisation. **Internet Policy Review**, v. 8, n. 4, p. 1-13, 2019.
- PRETTO, Nelson. de L.; LAPA, Andrea. Educação a distância e precarização do trabalho docente. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 84, p. 79-97, nov. 2010.
- SANTOS, Valmaria. L. C.; SANTOS, José. E. dos. As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas. **Holos**, v. 6, p. 307-328, 2014.
- SHELTON, Catharyn. C.; SCHROEDER, Stephanie.; CURCIO, Rachele. Instagramming their hearts out: What do edu-influencers share on Instagram? **Contemporary Issues in Technology and Teacher Education**, 20(3), 529-554, 2020.
- SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas sobre o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SOUZA, Aparecida. N. de; LEITE, Marcia. P.. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 32, p. 1105-1121, 2011.
- VAN DIJCK, José.; POELL, Thomas. Social media platforms and education. **The SAGE handbook of social media**, Thousand Oaks, Cal: Sage, p. 579-591, 2018.
- VAN DIJCK, José.; POELL, Thomas.; DE WAAL, Martijn. **The Platform Society**. New York: OUP, 2018.
- VIANNA, Fernando. R.P.M; CALDERARI, Egon. B. Da Precarização à (In) Existência: Um estudo sobre o conteudista no modelo EaD. XLIII Encontro da ANPAD–ENANPAD **Anais...** São Paulo (SP), Universidade Mackenzie, 2019.

Data da submissão: 08/10/2024

Data da aprovação: 14/05/2024